

Estudos do Trabalho

Ano XIII – Número 26 – 2021
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.net

Juventude e Trabalho: Trajetórias de vida dos Jovens que Buscam Emprego

Manuella Castelo Branco Pessoa¹

Matheus Vasconcelos Castelliano²

Melyssa Thaís Rodrigues da Silva³

Wesley Jordan Pereira da Silva⁴

Introdução

Este capítulo tem como objetivo analisar as trajetórias de vida de jovens em busca de emprego através do Sistema Nacional de Emprego (Sine) de João Pessoa, na Paraíba. Neste sentido, parte-se do pressuposto de que os jovens que buscam a política de emprego possuem trajetórias de vida marcadas pelo processo de desigualdade, expressado a partir de sua classe, raça e gênero. A partir do referencial teórico da psicologia histórico-cultural, assume-se que a juventude está relacionada à atividade de formação, que pode se dar no trabalho ou instituições educativas, o que está circunstanciado a situação concreta dos jovens.

O cenário é de preocupação quando se pensa a juventude brasileira, segmento da população fortemente atingido pelo desemprego, conforme demonstram dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - Contínua (Pnad Contínua), divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020). São dados que indicam a alta taxa de

¹ Universidade Federal da Paraíba

² Universidade Federal da Paraíba

³ Universidade Federal da Paraíba

⁴ Universidade Federal da Paraíba

Estudos do Trabalho

Ano XIII – Número 26 – 2021

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.net

desemprego juvenil entre jovens de 18 a 24 anos de idade (27,1%). As dificuldades dos jovens em conseguir uma ocupação se dão pelo aumento da competitividade, da exigência por experiência e por qualificação no mercado de trabalho (KUENZER, 2002), o que tem retardado a sua transição para a vida adulta.

Pesquisas mostram que quando ofertada essa qualificação, os cursos estão relacionados a profissões subalternas, que mantêm as desigualdades e dão continuidade ao sistema elitista e excludente, onde é possível acessar certos bens de consumo, mas não mobilidade social (GOUVEIA, 2019). Desse modo, se percebe que à juventude de família pobre é delegado um papel, o de trabalhador, e quando o jovem se distancia dele, é colocado no lugar de potencial criminoso (PICANÇO, 2015).

Juventude e trabalho

A essência do homem é produto do seu desenvolvimento histórico e social, precisando ser apreendida e objetivada durante o percurso da sua vida, através do trabalho, como atividade social (LEAL & MASCAGNA, 2016). A orientação para o futuro e o exercício de uma profissão necessitam que haja a consciência do trabalho como elemento central para realização do ser humano e de seus ideais, tal como das aspirações para o bem social (TOSLTI, 1989 *apud* LEAL & MASCAGNA, 2016).

Observa-se que a associação com o processo produtivo organiza a vida do jovem, circunscrevendo o conteúdo de suas relações sociais, seus limites e suas possibilidades de existência autônoma. Existência esta que, para o jovem da classe trabalhadora, está ligada à necessidade urgente de adentrar o mercado de trabalho, sendo por via do trabalho que muitas vezes se acessa o necessário para obter qualificação (ABRANTES & BULHÕES, 2016; KUENZER, 2002).

A juventude brasileira é inserida precocemente, ainda na adolescência, no mercado de trabalho, e posteriormente se depara com o desemprego (GUIMARÃES, 2008). Leal e Mascagna (2016) relacionam essa inserção precoce à classe trabalhadora e ao abandono dos estudos frente à necessidade de sobrevivência, contrastando com a classe burguesa que dispõe

Estudos do Trabalho

Ano XIII – Número 26 – 2021

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.net

da possibilidade de uma inserção mais tardia, com a oportunidade de refletir sobre desejos, expectativas e alternativas. O trabalho se manifesta como uma demanda impreterível na vida da juventude filha da classe que vive do trabalho, e tem sido tópico recorrente em suas vidas pela sua ausência, isto é, o desemprego (GUIMARÃES, 2008).

Assim, Abrantes e Bulhões (2016) salientam que entender a luta do jovem por autonomia e pela possibilidade de realizar uma atividade socialmente produtiva é mais importante para a compreensão da atitude do jovem perante o mundo que a sua idade biológica. Determinando-se principalmente pela sua objetividade econômica, os jovens, possuindo reduzido espaço de escolhas, veem-se obrigados a se inserirem no mercado via trabalho precarizado. Documentos como a Agenda Nacional de Trabalho Decente para a Juventude (2011) reconhecem que, além do presente desemprego juvenil, os subempregos e o trabalho precário marcam a juventude trabalhadora brasileira, realidade que impacta ainda mais fortemente os jovens de menor renda, escolaridade, moradores de áreas metropolitanas mais pobres ou de determinadas zonas rurais, as mulheres jovens e os jovens negros de ambos os sexos (MTE, 2011).

É necessário considerar que a acumulação do capital, a exploração e a alienação, que forçam a sociedade a viver com o empobrecimento dos indivíduos, é teor da sociedade capitalista (LEAL & MASCAGNA, 2016). Na combinação entre o taylorismo e toyotismo, e no mundo de ideologia neoliberal, o jovem tem sua existência determinada por uma realidade de desemprego estrutural e trabalho precário. O mundo do trabalho produtivo com ritmos e modelos de exploração, como está posto para os adultos, é oferecido ao jovem trabalhador, porém com menor salário (ABRANTES & BULHÕES, 2016).

Em paralelo, tem-se observado uma tendência no mundo do trabalho capitalista dos países centrais, que acaba por acarretar impactos também no interior dos países de industrialização intermediária, um processo crescente de exclusão e hostilização da juventude pelo capital, onde esses jovens ampliam os contingentes do trabalho informal e o que denominamos de exército de reserva que, na ausência de perspectivas frente ao desemprego estrutural vigente em nossa sociedade, ficam à margem do mercado de trabalho formal. Por

Estudos do Trabalho

Ano XIII – Número 26 – 2021

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.net

fim, vale ainda ressaltar que esse movimento culmina na inserção precoce criminosas crianças no mercado de trabalho (ANTUNES, 2009).

A política de emprego e a luta pelo trabalho decente

O trabalho decente (TD) é aquele “produtivo e adequadamente remunerado, exercido em condições de liberdade, equidade e segurança, capaz de garantir uma vida digna” (MTE, 2011), segundo caracterização proposta em 1999 pela Organização Internacional do Trabalho (OIT). A noção de TD é indispensável para a superação da pobreza e para a redução das desigualdades sociais, e sua associação com a juventude é de dramática relevância, visto que a juventude não somente tem trabalhado, como trabalhado antes da idade legal, conforme dados abordados no documento do Ministério do Trabalho e Emprego (2011).

Isso posto, o Governo Federal Brasileiro estabeleceu em 2003 um compromisso com a Agenda Nacional de Trabalho Decente (ANTDJ). Nela se apresentam quatro prioridades e linhas de ação: mais e melhor educação; conciliação entre estudos, trabalho e vida familiar; inserção digna e ativa no mundo do trabalho; e diálogo social. Em sentido de trabalho decente para a juventude, a OIT notifica que se faz necessária a discussão sobre suas perspectivas de construir diferentes percursos para trajetórias ocupacionais futuras, para além de refletir sobre as suas oportunidades de obter uma ocupação de qualidade no momento (MTE, 2011).

As políticas de emprego e renda são uma forma de facilitar o acesso do jovem ao mercado de trabalho. Neste estudo, nós destacamos o Sistema Nacional de Emprego (Sine), uma execução por parte do governo brasileiro, da Convenção nº 88, da OIT. O Sine/PB conta com alguns objetivos — alguns deles facilitarão a compreensão dos dados obtidos relativos à juventude —, que são: propiciar informação e orientação ao trabalhador quanto à escolha de emprego e fornecer subsídios ao sistema educacional e ao sistema de formação de mão de obra para a elaboração de suas programações (SINE, 2020). Autores como Guimarães e Almeida (2013) elencam ainda a democratização das possibilidades de ascensão profissional e redução das desigualdades como objetivos das políticas de emprego e renda.

Estudos do Trabalho

Ano XIII – Número 26 – 2021

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.net

A Cartilha de Atendimento para Trabalhadores Jovens no Sine (2017), uma iniciativa do Ministério do Trabalho (MT), traz o perfil da juventude que acessa a política. Dentre os jovens registrados, apenas 51% tinham ensino médio completo, 57% eram negros, pardos e indígenas, 46% mulheres e 17% dos jovens ainda estudavam. No Sine/PI há mais vagas do que trabalhadores, todavia, não são totalmente ocupadas (CASTRO, 2014). Em Minas Gerais, a maior taxa de inscritos de 2015 a 2018 foi de jovens entre 18 e 24 anos, no entanto, o resultado da efetividade para esse público ficou abaixo da média geral (MARRA, OLIVEIRA & JÚNIOR, 2020). Logo, o serviço não tem conseguido reduzir a desigualdade de ingresso no mercado de trabalho para o público jovem, reforçando o que os dados da literatura têm apresentado em relação às dificuldades que a juventude enfrenta em sua busca por inserção profissional.

Método

O *locus* desta pesquisa foi o Sistema Nacional de Emprego (Sine) da cidade de João Pessoa, Paraíba, órgão do governo federal do Brasil, coordenado atualmente pelo Ministério da Economia por intermédio da secretaria especial de Produtividade, Emprego e Competitividade. No estado da Paraíba, o Sine é coordenado pela Secretaria de Estado de Desenvolvimento Humano (SEDH).

Os jovens trabalhadores que foram os protagonistas desta pesquisa têm como contexto a busca pelo posto de emprego, o Sine/PB aparecendo para eles como via facilitadora. Participaram sete jovens, entre 19 e 25 anos, de diferentes raças, escolaridades e bairros da cidade de João Pessoa. O projeto foi submetido ao Comitê de Ética cumprindo todos os passos determinados pela Resolução N° 466/2012 do Ministério da Saúde (MS, 2013), com CAAE: 12941119.7.0000.5188, para então contatar o SEDH para apresentação do projeto e solicitação de permissão para coleta de dados, pretendida de ser realizada *in loco*, contudo, devido ao encerramento das atividades presenciais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) frente à pandemia pela covid-19, a equipe se reorganizou metodologicamente e utilizou-se das redes

Estudos do Trabalho

Ano XIII – Número 26 – 2021

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.net

sociais e da técnica de bola de neve para acessar os jovens, técnica que consiste em os participantes indicarem possíveis novos participantes.

As entrevistas abertas foram utilizadas como instrumento, realizadas via plataformas de videoconferência devido ao contexto de pandemia e com um roteiro norteador baseado nos objetivos da pesquisa. Como afirma Minayo (2010), nessa modalidade o entrevistado é convidado a responder de maneira mais profunda e livre das intervenções do entrevistador. Com finalidade exploratória, o roteiro versou sobre as questões: caracterização dos jovens, trajetória de vida no trabalho, sentido do trabalho e projeto de vida.

Para a análise dos dados coletados utilizamos a *análise de conteúdo temática* que se baseia em descobrir os núcleos de sentido que constituem uma comunicação, de forma que a presença ou a frequência tenha algum significado para o objeto analítico estudado (MINAYO, 2010). A análise seguiu as etapas de: transcrições das entrevistas; leitura flutuante; formulação de temas e categorização. Ainda, foi considerada a técnica dos juízes como forma de garantir validade e confiabilidade ao estudo.

De acordo com a autora supracitada, a análise temática se dá em três etapas: pré-análise; exploração do material e tratamento dos resultados obtidos; e interpretação. Na etapa de exploração do material ocorre uma operação classificatória a fim de encontrar as categorias que compõem o material. É definida a categorização como processo de redução do texto às palavras e expressões significativas. Em seguida, o analista propõe inferências e interpretações para os dados coletados e categorizados, relacionando-os com o corpo teórico proposto. Outro movimento desta etapa consiste em abrir novas pistas entre as dimensões teóricas e interpretativas do objeto de estudo. Cada uma dessas etapas foi realizada em sucessão. Outra informação importante é a de que os nomes mencionados neste estudo são fictícios em prol de preservar o sigilo e integridade dos participantes.

Resultados e discussões

Os resultados e discussões foram organizados de forma a apresentar os temas encontrados através das análises qualitativas dos dados. Desta forma, sob o tema *caracterização*

Estudos do Trabalho

Ano XIII – Número 26 – 2021

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.net

dos jovens, verificou-se a predominância de uma juventude parda e negra, moradora de bairros populares da cidade de João Pessoa, proveniente do ensino público e cuja família vem de trabalhos informais e pequenos negócios, tendo como renda média aproximadamente dois salários mínimos.

Em suas *trajetórias de vida*, foi possível acessar as suas vivências enquanto jovens trabalhadores inseridos, desempregados ou em processo de formação para o mercado de trabalho. Os dados realçaram que se trata de jovens em que o trabalho se fez presente desde muito cedo, em sua maioria sendo conciliado com os estudos e atividades de formação, conforme exprime Breno (20 anos, pardo) em sua fala, por exemplo: “[...] *tava* concluindo o ensino médio, aí eu estudava de manhã e trabalhava à tarde, a tarde toda. Durante a noite eu me dividia para fazer as atividades da escola e planejar como seria o próximo dia de trabalho”.

Assim, percebe-se que a juventude brasileira, em recorte a pessoense, encontra-se em busca de uma oportunidade de emprego através da política pública de emprego do Sine/PB alinha-se com o retrato da juventude exibido por documentos como a ANTDJ (2011). Isso corrobora o que é trazido por Guimarães e Almeida (2013) e Abrantes e Bulhões (2016): a juventude parda e negra, de regiões metropolitanas mais empobrecidas, cuja associação com o trabalho se dá de forma precoce, informalizada, precária, menor remunerada e mais desprotegida, visto que a informalidade tem se acentuado para jovens em comparação com adultos. Uma juventude que quando inserida encontra-se em ocupações básicas e que sofre mais criticamente com as oscilações do mercado de trabalho, segundo dados do MT (2017).

Com o relato dos participantes, foi possível acessar as suas vivências no referente também à busca por mais conhecimento e experiência, amplamente requeridos pelo mercado de trabalho. Neste sentido, a alta demanda por constante qualificação de seu saber claramente está imbricada na relação entre juventude e trabalho. A temática *qualificação* foi pauta das entrevistas, onde Abdias (19 anos, negro) relata: "E aí fui pro IF, fiz o curso técnico de mecânica lá, relacionado ao ensino médio integrado, no caso, e desenvolvi lá alguns projetos de extensão e pesquisa". Sobre esse fenômeno verificou-se que as políticas adotam estratégias que conferem “certificação vazia”, constituindo uma modalidade acompanhada de estratégias de inclusão

Estudos do Trabalho

Ano XIII – Número 26 – 2021

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.net

ilusória no mundo do trabalho, que se fortalece por meio da precarização e da superexploração da mão de obra. Assim, ratificando a exclusão do mundo do trabalho decente, dos direitos e das formas dignas de existência (KUENZER, 2002).

Em pesquisa realizada pelo Sine/PI de Teresina, os trabalhadores com grau de instrução médio completo e superior incompleto no ano 2000 totalizavam 30,8% (124,3 mil). Uma década depois, observou-se crescimento da força de trabalho formal com esse grau de instrução (195,6%), evidenciando uma reação do mercado de trabalho às exigências de qualificação através da escolaridade, marcas do atual regime de acumulação capitalista (CASTRO, 2014).

Vale ressaltar que, além do processo de escolarização, a juventude entrevistada trouxe uma gama de experiências adquiridas com o intuito de se qualificar para as exigências do mercado de trabalho, como: curso técnico de longa duração integrado com o ensino médio; curso técnico de curta duração; curso de informática e tecnologias; curso de língua estrangeira; por fim, curso superior. O que, ainda assim, não garantiu que esses jovens obtivessem êxito em suas tentativas de inserção em um mercado de trabalho formal. As entrevistas possibilitaram reconhecer a importância dada pelas empresas à exigência de seis meses de trabalho, o que se configura como uma barreira para os jovens, como, por exemplo, Maria (24 anos, parda) ao participar de uma seleção para vendedora de loja: “[...] porque as pessoas que *tavam* com a gente eram muito experientes, tinha pessoas que *tavam* já fazendo a graduação, tinham trabalhado em loja de vendas três, quatro anos; lá eles optaram por pessoas mais experientes”. Atenta-se também à oferta por empresas de *telemarketing* e varejo, que oportunizam a conquista do primeiro emprego, porém, precisando ser questionado se esses são ambientes em que o jovem poderá obter ferramentas que potencializam e proporcionam o seu desenvolvimento.

Ademais, sob o tema *contato com o Sine*, apresentamos dados que possibilitam compreender a relação que os jovens têm com o Sine/PB, a sua busca efetiva pela política de emprego, a recepção do órgão público a esses jovens e as expectativas envolvidas no processo. Os resultados demonstram que o caminho percorrido por esses sujeitos junto ao Sine era permeado por dificuldades relacionadas à disponibilidade de oportunidades, bem como discrepâncias encontradas entre o ofertado pelo sistema e o que existia na realidade e certa

Estudos do Trabalho

Ano XIII – Número 26 – 2021

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.net

descrença na política de emprego, ligada à falta de *feedbacks* da política após o cadastramento dos usuários. Tem-se, nesse sentido, a fala de Ava (25 anos, parda): “o estágio foi através da internet, eu *tava* pesquisando através daqueles *Instagram* que mostram anúncio de emprego, mas nada pelo Sine. Eu fui duas vezes lá, mas nunca tinha vaga pro que eu tinha colocado”.

Ainda, encontramos jovens que atribuem a não inclusão ao mercado de trabalho à sua falta de experiência, por mais que muitos possuam qualificações que legitimam sua elegibilidade ao mundo do trabalho. Isso remete ao trazido por Guimarães (2008), onde os estudantes travam percursos de formação guiados pela insegurança, condição esta que aumenta a impotência do jovem frente à sua inserção profissional, em especial quando tratando dos recortes de gênero e classe social. Os resultados contribuem para a compreensão de que são jovens que possuem pouca qualificação, mas que as possuem, lutando para ingressar em um mercado formalizado de trabalho através de uma política pública que apresenta diversas falhas sistêmicas.

Quando questionados sobre o *sentido do trabalho*, os jovens trouxeram falas sobre o acesso a bens de consumo, sendo para uso próprio ou de suas famílias, também sobre o acesso à prática pela via do trabalho, para aqueles que estavam em processo de formação, como fala Suzanna (21 anos, parda): “[...] porque a gente na universidade só tem mais a parte da teoria, porque é muito diferente você estar na universidade e estar na área de trabalho”. Trouxeram sobre o momento de formação para o mundo do trabalho com falas a respeito de suas prioridades quanto a seu trabalho e formação, a forma como se relacionam, com discursos escancarando como, por exemplo, os horários da universidade atrapalham o jovem em sua busca por emprego regular, frente à dificuldade de conciliar horários e deveres: “[...] fica muito apertado e eu não..., apenas no ano passado tentei, fiz uma entrevista de emprego, mas realmente foi a questão do horário que não bateu e a empresa não me incluiu” (Breno, 20 anos, pardo).

Sendo a escolha profissional a atividade guia do desenvolvimento na juventude (LEAL & MASCAGNA, 2016), não surpreende que os jovens tenham abordado a importância do trabalho para o seu crescimento, como exemplifica a participante Maria (24 anos, parda): “Eu

Estudos do Trabalho

Ano XIII – Número 26 – 2021

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.net

acho que ter uma independência, adquirir experiência, crescer profissional e pessoalmente porque você não aprende só a função, aprende a trabalhar em equipe, conhece outras coisas novas”. Observa-se que a independência financeira tem um marcante papel para a entrada do jovem da classe trabalhadora em sua vida social adulta.

A juventude é, também, momento onde se constroem *projetos de vida*. Dentro do esperado, quando questionados sobre expectativas para o futuro, os jovens referiram a aspectos sobre o ingresso e a permanência no emprego, pela via do mercado de trabalho e da qualificação. Chama atenção a dialética entre qualificação e permanência no emprego, trazida também quando pontuadas as prioridades da juventude, como fala Maria (24 anos, parda): "Quando começar o curso eu não sei como é que vai ser minha rotina, se eu vou aguentar [...] talvez eu abra até mão do trabalho, desse trabalho, e vejo algo com menos, com uma carga horária menor e ir tentando conciliar". Os dados, o discurso da juventude entrevistada demonstra que, durante o processo de qualificação, dificuldades continuam a surgir. A permanência em determinados espaços para o filho da classe trabalhadora, segundo Abdias (19 anos, negro), possui nuances: “Meu curso (Direito) é elitista, não vamos... não vou cegar meus olhos, até porque eu sou uma das pessoas que, vamos dizer assim, lá dentro tudo atrapalha para que desista”.

Executar este projeto permitiu vislumbrar as dificuldades surgidas durante as primeiras fases da pandemia pela covid-19: os jovens relataram interrupções em seus projetos, cursos, por vezes nem chegando a iniciá-los, e o anseio por retornarem. Certas falas retratam esse recorte temporal: “Trabalha minha mãe... Meu pai trabalhava, mas atualmente com a pandemia ele ficou sem trabalhar. Agora só minha mãe” (Breno, 20 anos, pardo).

Esses dados, como outros (GUIMARÃES, 2008), apontam para uma juventude que é marcada pela necessidade de iniciação no mercado de trabalho para obter sustento e/ou qualificação em prol de alçar para melhores postos e ocupações. Suas pautas e projeções, conforme indicam também Abrantes e Bulhões (2016), estão organizadas pelo vínculo com o processo produtivo, que guia as suas atividades sociais e circunscreve como se relacionam e como acontece sua experiência autônoma. Os jovens protagonistas desta pesquisa, para além

Estudos do Trabalho

Ano XIII – Número 26 – 2021

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.net

de sonhar, descreveram projetos de vida pautados em suas realidades. São resultados que vão em direção a discussão proposta por Abrantes e Bulhões (2016) de que o processo de desenvolvimento psíquico na área adulta é atravessado integralmente pela questão de classe. Mostra-se relevante ressaltar, por fim, a importância que a política de emprego assume ao buscar democratizar as chances de ascensão profissional e a redução das desigualdades para o desenvolvimento pleno desses jovens.

Conclusões

Analisando a trajetória de vida de jovens que buscaram sua inserção ao mercado de trabalho por intermédio do Sine/PB, deparou-se com a predominância de jovens que se identificam como pardos e negros, de baixa renda familiar e pertencentes à classe que vive do trabalho em João Pessoa. Ouvir os jovens possibilitou constatar falhas sistêmicas no atendimento do órgão público do Sine, no tocante, por exemplo, da ineficácia do retorno/*feedback* para a juventude usuária e da discrepância entre as vagas ofertadas virtualmente e as vagas encontradas em sua sede.

De acordo com a proposta da ANTDJ o Sine/PB ainda precisar melhor atuar sob as linhas de ação que envolvem o Centro Público de Emprego, Trabalho e Renda, ou postos do Sine. A ineficácia da política pública potencializa a insegurança e a impotência do jovem frente a seu futuro dentro do mercado de trabalho. Encontramos histórias de uma juventude trabalhadora precoce que em dado momento se desdobrava para conciliar o auxílio na atividade familiar e a busca pessoal por qualificação, algumas destas friamente ignoradas pela política pública. O jovem, então, intensifica sua procura por novas qualificações em uma expectativa quase ilusória de ter sua inserção no mercado de trabalho como garantida no futuro enquanto lidam com a realidade de um mercado excludente.

Seguindo o propósito de alcançar uma desejada autonomia, parte da atual juventude trava um conflito para prover suas necessidades essenciais, dispondo de recursos limitados e dissonantes onde determinados marcadores sociais implicam em uma luta ainda maior no espaço acadêmico onde se encontram e cuja desigualdade encontrar-se-á até o ofício almejado.

Estudos do Trabalho

Ano XIII – Número 26 – 2021

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.net

A realidade revela-se sob forma de uma fantasia de escassez, parte de um projeto de precarização do trabalho que segue em curso e cujo efeito imediato se dá na flexibilização dos objetivos desses jovens, aceitando o primeiro emprego disponível em detrimento de alcançar o seu projeto de vida ideal. A essa juventude é imputado um espaço restrito de escolha e as ocupações precárias vão sendo preenchidas por aqueles que o mundo do trabalho deseja na dada vaga.

Tais achados revelam a necessidade de se estudar a política de emprego, considerando as peculiaridades da juventude e necessidades formativas, pensando ferramentas e intervenções que visem minimizar esse processo de desigualdade. Considera-se essencial manter uma linha de análise não individualizante, característica que respeitará a complexidade e permitirá a busca por soluções sistêmicas a fim de amenizar os efeitos de múltiplas desigualdades na ciência, bem como também no mercado de trabalho. Apesar da pesquisa ter se deparado com limitações como o contato com os jovens ter sido exclusivamente virtual, muitas reflexões feitas até então serão implementadas na continuação do projeto, caracterizada pela recente expansão territorial da pesquisa, e em estudos derivados dela, como, por exemplo, o estudo para a compreensão dos impactos da pandemia pela covid-19 na trajetória de trabalho da juventude.

Referências bibliográficas

ABRANTES, A. A. & BULHÕES, L. Idade adulta e o desenvolvimento psíquico na sociedade de classes: juventude e trabalho. In: MARTINS, L. M., ABRANTES, A. A. & FACCI, M. G. D. (Org.). **Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico – do nascimento à velhice**. Campinas: Autores Associados, 2016, p. 241-265.

ANTUNES, R. L. C. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. [2. ed.]. São Paulo: Boitempo, 2009, p. 101-115.

BRASIL. **Cartilha de atendimento para jovens trabalhadores no Sine**. Ministério do Trabalho & Banco Interamericano de Desenvolvimento. Brasília, 2017. Disponível em: <http://portalfat.mte.gov.br/wp-content/uploads/2018/05/CARTILHA_ATENDIMENTO_TRABALHADORES_JOVENS_SINE.pdf>. Acesso em 22 jul. 2020.

Estudos do Trabalho

Ano XIII – Número 26 – 2021

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.net

CASTRO, F. R. D. A. **Desemprego e reestruturação capitalista: uma análise da relação entre as novas exigências do mercado de trabalho e o perfil dos trabalhadores inscritos no Sine/PI.** 2014. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Sociais, Universidade Federal do Maranhão, Bahia.

DE OLIVEIRA MARRA, E. C., DE OLIVEIRA, K. M. A., & JÚNIOR, L. A. M. O serviço de intermediação de mão de obra da administração pública estadual de Minas Gerais entre 2015 e 2018: efetividade, públicos e perspectivas. **Mercado de trabalho**, vol. 38, p. 99-109, 2020.

GOUVEIA, F. P. S. Faces da precarização do mundo do trabalho e a juventude sobrando. **Estudos IAT**, 4(1), 2019, p. 124-137.

GUIMARÃES, A. Q., & ALMEIDA, M. E. Os jovens e o mercado de trabalho: evolução e desafios da política de emprego no Brasil. **Temas de administração pública**, 8(2), 2013.

GUIMARÃES, N. Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil. In: ABRAMO, H. & BRANCO, P. **Retratos da Juventude Brasileira: análise de uma pesquisa nacional.** São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

KUENZER, A. Z. Exclusão includente e inclusão excludente: a nova forma de dualidade estrutural que objetiva as novas relações entre educação e trabalho. In: LOMBARDI, J. C., SAVIANI, D. & SANFELICE, J. L. (Org). **Capitalismo, Trabalho e Educação.** [1. ed.] Campinas: Editora Autores Associados, 2002, p. 77-96.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** [12. ed.] São Paulo: Hucitec, 2010.

MTE. **Agenda Nacional do Trabalho Decente para a Juventude.** Brasília: MTE/SE, 2011. Disponível em <https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---americas/---ro-lima/---ilo-brasil/document/genericdocument/wcms_301824.pdf>. Acesso em 11 nov. 2020.

PICANÇO, F. S. Juventude e trabalho decente no Brasil - uma proposta de mensuração. **Cad. CRH**, Salvador, v. 28, n. 75, p. 569-590, 2015.

SINE. Conheça o Sine/PB. **Governo do Estado da Paraíba**, João Pessoa, 2020. Disponível em: <<https://sine.pb.gov.br/conheca-o-sine-pb>>. Acesso em: 18 de nov. 2020.